

Artigos

# Concurso Rainha da Soja: atos e gestos da beleza feminina em Ponta Grossa, Paraná (década de 1970)

Adriana Mello Cançado<sup>1</sup>

## Cenário político e econômico do concurso Rainha da Soja

### Majestade da Soja

Suzi Mara Samways, filha do casal Alcides Samways e Cleuza Samways, nasceu na capital paranaense no dia 3 de junho e já fez cursos de teatro, fotografia e etiqueta social na Socila de Recife, e também decoração. Atualmente, Suzi está cursando o último ano de Inglês [...] e este ano cursará a 3ª série do 2º Grau Profissionalizante [...] pretende ser Arquiteta. Aprecia teatro, arquitetura, cinema, pintura, escultura, música, tanto a clássica como a jovem, literatura, sendo seus autores preferidos Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Hermann Hesse e Agatha Christie. Gosta de estudar línguas e adora viajar. Conhece as principais capitais brasileiras, de Porto Alegre até Fortaleza e também a Argentina e Paraguai. Adora praias e esportes, principalmente a natação e seu hobby é colecionar fotografias. Suzi é destacada componente do Léo Clube Vila Velha e no mês de junho foi escolhida a Rainha da Soja 74, em promoção anual e já tradicional da SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro – e Prefeitura Municipal de Ponta Grossa<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (Cescage) em Ponta Grossa, Paraná.

<sup>2</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23785, 1 jan. 1975, p.1.

Destacando as principais “qualidades” das jovens mulheres envolvidas no concurso Rainha da Soja, jornalistas e colunistas sociais publicaram notas minuciosas nos jornais ponta-grossenses durante a década de 1970. Enfatizando as atuações sociais e intelectuais das candidatas, as notas inspiraram leitores a acompanhar as etapas que elegeram jovens cuja principal função era representar a soja, sua produtividade e potencialidade econômica. Assim, aos leitores observar os passos, compromissos e atuações das rainhas eleitas certamente constituiu o último ato de um processo iniciado nos primeiros meses de cada ano, processo esse que se intensificava entre maio e junho, quando se acentuava a organização do evento para escolha da jovem majestade da soja.

Os preparativos para a cerimônia de seleção iniciavam muito antes de a primeira candidata pisar na passarela montada no salão de bailes do Clube Pontagrossense, considerado, naquele período, o mais tradicional da cidade. Nesta fase inicial, os organizadores estabeleciam critérios e estruturavam elementos considerados essenciais para o sucesso da encenação que apresentaria as jovens candidatas como atração principal.

O concurso Rainha da Soja, desde sua primeira edição, em 1971, foi organizado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em parceria com a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra), idealizadora e incentivadora do evento. Os principais acionistas da empresa multinacional eram sociedades anônimas localizadas no Panamá. No Brasil, a organização mantinha sede em São Paulo, além de inúmeras fábricas, usinas e escritórios espalhados em vários estados, com o objetivo principal de comercializar algodão, outras fibras vegetais e sementes oleaginosas. Com perfil econômico projetado para compra e exportação de matéria-prima agrícola, especialmente a soja, o conglomerado propôs, em 1970, a implantação de um complexo agro-industrial em Ponta Grossa<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O complexo proposto teria capacidade para processar 1200 toneladas diárias de soja. Seria composto por uma refinaria para industrializar o

A escolha desta cidade não foi aleatória<sup>4</sup>. Localizada no segundo planalto paranaense, na região dos Campos Gerais, Ponta Grossa encontrava-se no maior entroncamento rodo-ferroviário do sul do Brasil. O sistema ferroviário era integrado pela Rede Viação Paraná – Santa Catarina, pela Rede Ferroviária Federal e pela Estrada de Ferro Central do Paraná. Esta rede ligava a cidade a diversas outras localidades do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, incluindo as capitais dos três primeiros. Também vinculava a região à cidade litorânea de Paranaguá, onde se localiza o mais importante porto de escoamento de produtos no sul do país. Paralelamente às ferrovias, o sistema rodoviário era tido como fator preponderante para a economia regional, já que estradas asfaltadas interligavam Ponta Grossa às mesmas regiões alcançadas pelas estradas de ferro e atingiam países vizinhos como o Paraguai e a Argentina.

A estratégica localização de Ponta Grossa correspondia aos discursos dos governos militares no que se refere às propostas de desenvolvimento econômico pensadas para o Brasil daquele período. Medidas incentivadoras do crescimento industrial das regiões Sul e Nordeste eram anunciadas como procedimento para romper a centralização de pólos industriais arraigados na região Sudeste, principalmente em São Paulo. Para atingir as metas das

---

óleo produzido e também por uma unidade produtora de gordura vegetal e margarina (PROJETO VISANDO A IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970. p.1.)

<sup>4</sup> No aspecto populacional, em 1970, o município contava com 150.000 habitantes na área urbana e 20.000 habitantes na área rural, revelando uma acentuada concentração demográfica nas delimitações da cidade. Na esfera comercial, Ponta Grossa possuía 368 fábricas instaladas, 638 casas comerciais, um mercado municipal, 42 postos de gasolina, 70 hotéis e 18 bancos na área citadina. No que se refere ao âmbito acadêmico, a Universidade Estadual de Ponta Grossa mantinha seis cursos superiores em funcionamento e na esfera da comunicação, a comunidade contava com dois jornais diários – Jornal da Manhã e Diário dos Campos –, cinco estações de rádio e uma estação de televisão (In: PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. Aqui, Ponta Grossa: 1970. Administração Engenheiro Cyro Martins. 1969-73. Ponta Grossa: Planeta, 1970).

pretensas estratégias econômicas, os governantes alardeavam o incentivo à formação de complexos industriais voltados para a produção e mão-de-obra local, a criação de intenso fluxo exportador de matérias-primas e produtos agrícolas industrializados, a associação do capital nacional ao internacional e a formação de conglomerados agro-industriais<sup>5</sup>. Considerando a fala oficial e os interesses da multinacional, Ponta Grossa apresentava inegáveis vantagens geográficas, econômicas e políticas para a instalação do conglomerado interessado em implantar-se no sul do país.

Assim como as questões geográficas e econômicas, as diretrizes políticas locais também contribuíram para a instalação da Sanbra. Em meados da década de 1960, grupos políticos e empresariais<sup>6</sup> discutiam formas para estimular a vinda de indústrias para Ponta Grossa, sob argumentos de que “o desenvolvimento econômico [local] [estava] baseado em atividades quase que exclusivamente comerciais e [que havia] poucas tentativas corajosas para estabelecimento de bases industriais”<sup>7</sup>. A idéia de desenvolver a cidade mediante a sua industrialização, com o objetivo de deslocar a predominância das atividades comerciais, se fortalecia e gradativamente encontrava respaldo em diversos segmentos sociais.

A concretização das pretensões políticas e econômicas teve início no período compreendido entre os anos de 1969 e 1973, quando a cidade esteve sob a administração municipal do prefeito Cyro Martins. Neste sentido, uma das primeiras atitudes foi instituir o Plano de Desenvolvimento Industrial

<sup>5</sup> BRASIL. Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979). Governo Ernesto Geisel. 1975-1979. Brasília: IBGE, set. 1974.

<sup>6</sup> As discussões ocorriam na esfera da administração municipal e da Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa. Esta última criou o Departamento de Desenvolvimento Econômico de Ponta Grossa, com a função de assessorar a Secretaria de Economia da Prefeitura Municipal da cidade.

<sup>7</sup> ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PG, Ponta Grossa. *Livro Ata das Reuniões da Diretoria 1961 a 1978*. n.7. Parte do discurso proferido por Luiz Gonzaga Pinto em reunião datada de 1 de julho de 1968.

de Ponta Grossa<sup>8</sup> (Pladei), que objetivava fomentar a industrialização por meio de estímulos fiscais e da criação de áreas destinadas à construção da *Cidade Industrial de Ponta Grossa*<sup>9</sup>. Eleita como prioridade do plano de desenvolvimento, a cidade industrial teria áreas reservadas exclusivamente para a construção e a concentração de indústrias<sup>10</sup>.

Neste contexto e após meses de negociações desde a apresentação do projeto de implantação, a multinacional Sanbra lançou oficialmente a pedra fundamental do complexo durante a cerimônia de inauguração da *Cidade Industrial de Ponta Grossa* – ato simbólico que representou o sucesso das pretensões políticas e econômicas proferidas nos discursos dos governantes militares. Em seu discurso, o prefeito Cyro Martins evidenciou que,

acompanhando a filosofia do governo da revolução, que é a de propiciar o desenvolvimento brasileiro, Ponta Grossa é

---

<sup>8</sup> A concretização das regras dispostas no Plano estava diretamente vinculada ao gabinete do prefeito e a representantes da classe industrial; da classe comercial; Câmara de Vereadores; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias; Corpos Docentes das Faculdades; Clubes de Serviço; Corpos Discentes das Faculdades (In: PONTA GROSSA. Lei 2157, de 13 de setembro de 1969. Título II: Do Órgão Superior de Administração e Controle do PLADEI. Art. 3 e 4).

<sup>9</sup> PONTA GROSSA. Lei 2157, de 13 de setembro de 1969. Título III. Capítulo III. Cidade Industrial. art. 16.

<sup>10</sup> Neste período, a sociedade local partilhava das concepções desenvolvimentistas propostas pelas lideranças políticas através do jornal local: Dotar Ponta Grossa de um parque industrial é uma idéia antiga do prefeito. Agora, ela tornou-se realidade. A cidade oferece excelentes condições para a instalação de novas indústrias. Água e energia em abundância. O progresso que está se imprimindo, no município, não é apenas para as indústrias já existentes ou para as que em breve se instalarão, mas para toda a comunidade. São centenas de novos empregos que se abrem, são as rendas que os cofres públicos irão recolher. Nessa mesma área, onde ficará o complexo industrial da Sanbra, outras novas indústrias também estarão construindo gigantescas fábricas, tais como a Quimbrasil, Ultrafertil, Cargill. A prefeitura, através do Pladei, dá o impulso necessário, estimula os industriais a investir em Ponta Grossa. Oferece incentivos fiscais determinados por uma lei pioneira no campo municipal que observa, inclusive, critérios básicos em favor do progresso industrial da região (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22252, 28 abr. 1971).

o agente promotor dessa meta. Da fase das aspirações, dos projetos, passamos para a ação efetiva, com a responsabilidade de acelerar o progresso através de uma política desenvolvimentista, que dá ênfase à industrialização e à melhoria dos setores agrícolas e pecuários, [...] com reflexos [...] de subordinar os aspectos de desenvolvimento material à melhoria de condições de bem-estar social [...]. Nesta hora histórica em que é aceito o desafio de subdesenvolvimento, de modo corajoso e firme, em que, até agora, venceram-se os obstáculos pelo trabalho, para iniciar-se nova e gigantesca jornada, numa reafirmação solene de que aqui, evidentemente, o FUTURO é HOJE !<sup>11</sup>

A fala do prefeito apresentou extrema sintonia com os discursos das autoridades militares que defendiam que a industrialização era o mote do desenvolvimento econômico e social do país. E Ponta Grossa, entendia Ciro Martins, era um dos elos da grande cadeia desenvolvimentista que culminaria com um *Brasil grande*.

A instalação do complexo sanbrino não se completara com o término das obras de engenharia. Interessava aos dirigentes estimular a plantação da soja na região de Ponta Grossa, assim como no restante do sul do país. Para que esta intenção se concretizasse, seria necessário fazer com que as comunidades compartilhassem a idéia de que a soja seria o produto do futuro. Neste sentido, em consonância com a proposta de capacitar o produtor agrícola, a Sanbra organizou anualmente, por dez anos, o *Encontro com a Soja*, com o objetivo de esclarecer dúvidas e apresentar novidades sobre o plantio da leguminosa. E para encerrar a semana do Encontro, em todas as edições aconteceu um glamouroso baile, no qual se escolhia uma jovem para representar a soja, a cidade e a Sanbra.

Os Encontros com a Soja envolviam *entidades de classe, clube de serviços, grupos produtores, gerentes de bancos e Câmara de Vereadores*<sup>12</sup> e a Prefeitura, mais especificamente a Secretaria Municipal de Economia e Pladei. Nesses

---

<sup>11</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22260, 8 maio 1971. p.1.

<sup>12</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22207, 4 mar. 1971.

encontros, se divulgava o plantio da soja, mediante a participação da comunidade e de pessoas reconhecidas por seus valores na esfera econômica e política do Paraná e do Brasil<sup>13</sup>. No decorrer de uma semana, os organizadores ofereciam aos participantes palestras, cursos, projeção de *slides* e filmes sobre a soja, enfatizando os aspectos técnicos da cadeia produtiva. Além de discussões com especialistas, o evento tinha uma parte cultural com apresentações de grupos folclóricos e exposições de produtos alimentícios fabricados com soja. Essas atrações instigavam os visitantes e transformavam a festividade num espaço de lazer, diversão e conagração social, fazendo com que a comunidade se sentisse peça fundamental para o sucesso do evento. Certamente, a associação entre as necessidades técnicas e os aspectos culturais dos Encontros contribuiu para a interiorização, pelas pessoas, de valores referentes à importância da soja e de seus benefícios não apenas para o *setor econômico-industrial*, mas também *para o organismo humano*<sup>14</sup>.

Além das discussões técnicas e das apresentações culturais, durante a semana do Encontro acontecia, paralelamente, uma disputa entre alunos *das escolas primárias e secundárias* de diversas escolas de Ponta Grossa e região<sup>15</sup>. A competição, denominada “Maratona Intelectual”, era organizada pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Ponta Grossa e tinha como finalidade fundamental a *contribuição para a difusão dos conhecimentos relativos à soja*<sup>16</sup>. Este jogo de perguntas e respostas acontecia em duas etapas: primeiro, entre estudantes de uma mesma

---

<sup>13</sup> Durante os dez anos de realização, os Encontros contaram com a presença de governadores do Paraná, senadores e deputados estaduais e federais, ministros e secretários de Estado.

<sup>14</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23579, 26 abr. 1974.

<sup>15</sup> A Maratona realizada em 1974 no IV Encontro com a Soja contou com a “participação de 31 estabelecimentos de ensino de 14 cidades, da Região dos Campos Gerais”. In: DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.2593, 10 maio 1974.

<sup>16</sup> Artigo 1º do Regulamento para a Maratona, publicado no jornal DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23055, 30 abr. 1972.

cidade, de onde sairia o vencedor para concorrer, na segunda etapa, em Ponta Grossa, com os demais vencedores de outras localidades. Aquele que demonstrasse ter um maior conhecimento sobre soja receberia premiações ofertadas pelas empresas envolvidas com a industrialização da oleaginosa.

Dessa maneira, com palestras, cursos, apresentações culturais e competição estudantil, o *Encontro com a Soja* movimentava a cidade, a região e as pessoas, que, de uma maneira ou outra, participavam do evento. Por fim, na tarde de domingo, para encerrar o Encontro, acontecia um desfile de implementos agrícolas pelas duas principais avenidas da cidade – Balduino Taques e Vicente Machado. Proprietários e vendedores de maquinários exibiam seus equipamentos, numa cerimônia encetada pela rainha eleita na noite anterior e concorriam a premiações entregues na *sessão cívica de encerramento*<sup>17</sup> quando também seriam premiados os vencedores da maratona intelectual.

A jovem que seguia à frente do desfile de implementos agrícolas havia sido coroada Rainha da Soja, na noite de sábado, em um concorrido baile de gala que transcorria conforme descrição a seguir: horas depois da chegada de homens e mulheres, vestidos em trajes de *passeio completo*, ao Clube Pontagrossense, o mestre-de-cerimônias pedia a atenção de todos e anunciava o início do esperado concurso para a eleição de uma jovem que representaria, por um ano, os benefícios da soja, o potencial desenvolvimentista do complexo Sanbra e os ideais de progresso dos grupos governantes.

O Concurso da Rainha da Soja integrou um dos diversos atos que compunham os *Encontros com a Soja* e, sem dúvida, foi o evento que capitalizou para a Sanbra e para a cidade um reconhecimento nacional. Exemplo disso foi o prêmio *Opinião Pública*<sup>18</sup> conferido à multinacional na categoria

<sup>17</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23060, 7 maio 1972.

<sup>18</sup> O Prêmio Opinião Pública era uma iniciativa do Conselho Regional dos Profissionais de Relações Públicas/2ª Região e, segundo seus organizadores, tinha caráter exclusivamente cultural e sem fins

*Projetos Institucionais: Iniciativa Privada – o 10º Concurso Rainha da Soja do Brasil*, em 1981. Para escolher os melhores trabalhos, o júri, composto por profissionais da área de Relações Públicas, avaliou o planejamento, a execução e os resultados dos projetos. Ao conferir o prêmio, o júri justificou que “o Concurso contribuiu não só para firmar uma imagem positiva da empresa perante a comunidade, como também foi um fator importante para o conagraçamento de autoridades, produtoras de soja e da juventude consciente da importância dessa lavoura para a economia do país”<sup>19</sup>.

Sem dúvida, a eleição da Rainha da Soja representava a sintonia existente entre as diretrizes econômicas ditadas pelo governo federal, o potencial de produção da soja e a estabilização local da multinacional. Numa reportagem da Revista Manchete<sup>20</sup>, cuja abertura estampava que “na capital mundial da soja foi escolhida a jovem que percorrerá o país divulgando as qualidades e riquezas do produto na melhoria da alimentação dos brasileiros”, o editor discorreu sobre a importância do evento para divulgar e popularizar os *anseios proclamados pelo Presidente Geisel*, no sentido de estimular a produção nacional da soja.

Dessa forma, os *Encontros com a Soja* atingiam os objetivos proclamados pelas autoridades políticas e econômicas, pois mobilizavam grande número de pessoas envolvidas com a cadeia produtiva da soja e preparavam o palco para uma cena simbólica, pelo glamour e pela visibilidade, o ato derradeiro que conagraçava a comunidade local e da região: o concurso da rainha.

---

lucrativos, além de ser considerado, ainda em seu segundo ano de realização, um dos mais importantes da América Latina. In: ATUALIDADES SANBRA. As opções agrícolas do Nordeste. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, n.73, ano XV, 1982. p.13.

<sup>19</sup> ATUALIDADES SANBRA. As opções agrícolas do Nordeste. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, n.73, ano XV, 1982. p.13.

<sup>20</sup> Ponta Grossa. A Rainha da Soja. *Manchete*. Rio de Janeiro, 148-151, jun. 1977.

### **“Os preparativos para a grande festa”**

A movimentação que ocorria durante o período de organização e, posteriormente, de realização do *Encontro com a Soja*, animava a sociedade local e da região para o momento mais aguardado do evento: o baile para a escolha da Rainha da Soja. Noticiado por meses, aguardado por dias, o baile representava o sucesso do Encontro, pois tornava concreta a capacidade organizativa dos dirigentes locais e da multinacional Sanbra.

A partir de sua primeira versão, a organização do concurso esteve a cargo do Diretor e da Assessora de Relações Públicas da Sanbra, Comandante Paulo Pinheiro Schmidt e Valentina Saptchenko<sup>21</sup>, respectivamente. Em meados de maio de cada ano, ambos deslocavam-se de São Paulo a Ponta Grossa com o objetivo de coordenar a organização do evento. A eles competia decidir as datas, a decoração, acertar detalhes com os presidentes do Clube Pontagrossense, contatar pessoas de projeção no meio artístico nacional para compor o júri, além de acompanhar os ensaios e os compromissos das candidatas. Mesmo cheios de atribuições, o papel mais relevante dos dois organizadores parecia ser o de divulgar o evento, atribuindo-lhe *status*, respeitabilidade e seriedade. Ao chegarem a Ponta Grossa, eram recebidos pelo Prefeito de Ponta Grossa e por Secretários Municipais, os quais, juntos, lançavam oficialmente o concurso:

Após oficializar o concurso Rainha da Soja, versão 77, o Comte. [sic] Paulo Pinheiro Schmidt, do Departamento de Relações Públicas da Sanbra, reuniu a imprensa [...] para uma entrevista coletiva. Na oportunidade disse que este concurso é a sua menina dos olhos e é tratado com a máxima importância<sup>22</sup>.

<sup>21</sup>Valentina Saptchenko Meyer foi responsável pela organização dos concursos de Rainha da Soja em Ponta Grossa. Exerceu a função de Assessora de Relações Públicas da Sanbra e de coordenação da revista Atualidades Sanbra, uma publicação da empresa sobre acontecimentos e produtos afeitos à multinacional e às suas filiais distribuídas pelo Brasil. A ela também coube a premiação Opinião Pública, em 1981, como profissional responsável pelo projeto do Concurso Rainha da Soja do Brasil.

<sup>22</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23936, 12 mar. 1977.

Os representantes da Sanbra esmeravam-se na divulgação do concurso para outras localidades, chegando a contratar reforços neste sentido:

... também apresentou a sua assessora imediata [...] e o publicitário Osires Nadal que vai trabalhar no setor de motivação do Concurso, visitando as prefeituras interioranas e oferecendo oportunidade a todos os Chefes de Executivo, para que possam inscrever uma ou mais participantes nesta promoção de caráter estadual.<sup>23</sup>

O fato de propagar a realização do concurso e estimular o maior número de inscritas encontrava consonância com o interesse da Sanbra em ampliar seus setores comerciais. Sem dúvida, é mediante a divulgação do concurso que a multinacional tornava-se reconhecida pelas comunidades da região. Logo, o concurso poderia ser lido apenas como uma estratégia de *marketing*. Porém, cabe ressaltar que a indústria não organizava outros concursos semelhantes, delegando, desse modo, a Ponta Grossa especificamente a prerrogativa de sediar o evento e beneficiar-se das vantagens econômicas e políticas advindas da movimentação de pessoas na época de realização do certame<sup>24</sup>.

Nos primeiros anos de realização do concurso, competiam exclusivamente jovens ponta-grossenses escolhidas por diretores e alunos de escolas e faculdades, funcionários de instituições bancárias, membros de clubes recreativos e de serviços, proprietários e atendentes de lojas, sócios de associações e sociedades. Estas jovens eram apresentadas formalmente à sociedade em jantares, coquetéis e almoços oferecidos pelos seus patrocinadores. É interessante observar que, em 1975, no quinto ano de realização do concurso, coincidindo com o aumento da safra de soja, a competição ampliou-se e passaram a participar do certame candidatas de outros municípios da região e do

<sup>23</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23935, 11 mar. 1977.

<sup>24</sup> Na documentação consultada, especificamente as Revistas Atualidades Sanbra publicadas no decorrer dos anos 70 e produzidas pela multinacional, não existem registros de que esta patrocinasse e organizasse outros concursos femininos.

estado do Paraná. Nesta fase, considerada a fase *estadual*, os municípios envolvidos escolhiam suas rainhas em concursos próprios e as vencedoras eram inscritas para competir no concurso Rainha da Soja do Paraná, em baile realizado em Ponta Grossa. Ao atingir o *status* de *estadual*, o concurso perdeu o caráter local, mas Ponta Grossa jamais deixou de sediá-lo mesmo quando, em 1978, atingiu o nível de competição *nacional*. Ao agregar candidatas de outros estados, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul<sup>25</sup>, o concurso passou a ter nas passarelas e ver eleitas jovens representantes que residiam além da geografia paranaense.

A perda do caráter local alterou os atos apresentados durante o baile de coroação. Ao tornar o concurso *estadual* e depois *nacional*, os organizadores dividiram-no, na noite do baile, em duas etapas: na primeira, os jurados elegiam a Rainha da Soja de Ponta Grossa, a qual concorria, na segunda etapa, com as rainhas eleitas em outras localidades, ao título estadual e, posteriormente, ao nacional.

Em Ponta Grossa, as candidatas pertenciam a famílias econômica e politicamente expressivas e desempenhavam diversas atividades esportivas, escolares e sociais, sendo apresentadas como personalidades sociáveis e extrovertidas. Robert Lavenda<sup>26</sup> afirma que o número, a variedade e a natureza das atividades desempenhadas pelos membros de um grupo marcam sua posição social e funcionam como símbolos desta posição. Nesta perspectiva, as candidatas marcavam suas posições sociais com a explanação de sua filiação, de seu exercício de atividades intelectuais, de suas pretensões para o futuro e daquilo que praticavam nas horas de lazer, isto é, de seus *hobbies*. Estes elementos recorrentemente apresentados pela imprensa constituíam signos definidores de um campo social ao qual as jovens deveriam pertencer.

<sup>25</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24.761, 10 abr. 1980.

<sup>26</sup> LAVENDA, R. *'It's not a beauty pageants!': hybrid ideology in Minnesota Community Queen Pageants*. In: GOHEN, C.; WILK, R.; STOLTJE, B. *Beauty queens on the global stage: gender contest and power*. New York: Routledge, 1996. p. 31-46.

Após a seleção inicial e a apresentação formal à sociedade, tinha início o processo de preparação e treinamento das candidatas. Este processo envolvia ensaios, festas oferecidas pelos patrocinadores, escolha e provas das roupas a serem usadas no decorrer das etapas do concurso, leituras sobre a soja, idas a salões de beleza, concessão de entrevistas, realização de fotos. A correspondência entre portar signos de diferenciação social e participar do processo de preparação para o concurso resultava na composição de um grupo distinto no conjunto de mulheres jovens da comunidade. Este grupo, por um período, tornava-se foco de atenção da imprensa, dos organizadores, dos patrocinadores e dos membros da comunidade, tornando-se visível a partir de características compreendidas como as melhores que a comunidade poderia ofertar. Em outras palavras, espelhava o que a comunidade tinha de melhor.

As atividades aumentavam na semana que antecedia ao baile. Três dias antes do concurso, as candidatas de outras localidades chegavam a Ponta Grossa e iniciavam-se as ações coletivas, com a presença de todas as concorrentes. O grupo participava de almoços, coquetéis e jantares, quando eram avaliados os comportamentos à mesa e o convívio em grupo. Neste período, as jovens recebiam o Programa Oficial do concurso – também publicado na imprensa – em que constava a agenda dos eventos e os trajes apropriados para cada ocasião<sup>27</sup>.

Seguindo o planejamento do Programa, a primeira reunião das candidatas deveria acontecer sem acompanhantes e nela as jovens eram sabatinadas individualmente sobre conhecimentos relacionados à soja. Ao responder e se posicionar sobre o assunto, as candidatas eram observadas pelo nível de desembaraço e fluência verbal. A partir de 1977, neste primeiro encontro a comissão organizadora passou a distribuir cédulas de votação para que as concorrentes elegessem, entre elas, a Rainha da Simpatia, conhecida também na noite do baile. À sabatina,

---

<sup>27</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24153, 31 mar. 1978.

seguia-se um ensaio geral com duração de, aproximadamente, três horas e meia<sup>28</sup>.

No dia seguinte, acompanhadas normalmente por suas mães, as candidatas almoçavam no restaurante do Parque de Vila Velha, um convite da Paraná Turismo (Paranatur)<sup>29</sup> – uma das colaboradoras e divulgadoras do concurso. Neste almoço as candidatas, de diversas localidades, eram oficialmente apresentadas à imprensa como competidoras do concurso da Rainha da Soja. À noite, também acompanhadas, as jovens eram recepcionadas pela diretoria do Clube Pontagrossense para um jantar de confraternização<sup>30</sup>.

Por fim, no grande dia, sábado, a comissão organizadora dava liberdade de opção às moças, exigindo apenas a presença de todas as jovens para a *concentração geral* nas dependências do Clube Pontagrossense poucas horas antes do início do baile<sup>31</sup>. A liberdade de opção no sábado dizia respeito a provas de roupas, cabeleireiro, manicure, pedicuro e maquiagem. Enfim, à execução dos atos de embelezamento para a última avaliação por parte da comissão julgadora.

Os integrantes da comissão julgadora eram convidados pelos organizadores do concurso que os escolhia por suas posições de destaque na sociedade ponta-grossense ou em áreas profissionais ligadas ao evento. A maioria das mulheres ponta-grossenses que compuseram as comissões julgadoras eram apresentadas publicamente mediante referência às posições sociais ocupadas por maridos ou filhos. Porém, também havia mulheres que eram convidadas a integrar o evento por alguma atuação em áreas afins às do concurso,

---

<sup>28</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24153, 31 mar. 1978.

<sup>29</sup> Empresa Paranaense de Turismo, órgão integrante da Secretaria da Indústria e Comércio do Estado do Paraná. Em 1977, a Paranatur incluiu o Concurso Rainha da Soja do Brasil no calendário Oficial de Eventos Turísticos do Paraná, defendendo a importância do certame como fator de integração dos municípios do Paraná, como instrumento de divulgação dessa riqueza agrícola e como um importante fator de cunho turístico. In: DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24153, 31 mar. 1978

<sup>30</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24153, 31 mar. 1978.

<sup>31</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24153, 31 mar. 1978.

assim como os homens que atuavam em publicidade e imprensa<sup>32</sup>. Além destas pessoas, causando grande expectativa, anualmente os organizadores traziam para compor o corpo de jurados uma atriz com reconhecida fama nos meios televisivos nacionais. Todos os contatos com a *convidada especial* eram mediados pela Diretoria de Relações Públicas da Sanbra<sup>33</sup>.

Definidos todos os aspectos que antecederiam a noite amplamente divulgada na imprensa local, chegava, enfim, o momento culminante do evento de beleza: o baile.

### **“A noite de raro brilhantismo”**

Na noite do baile, sempre realizado aos sábados, as candidatas seriam observadas pela exibição de qualidades “femininas”, como charme no caminhar, empatia com o público e elegância em exibir roupas especialmente confeccionadas. Formalmente, segundo o Programa do Concurso, a avaliação das candidatas apoiava-se em três pontos centrais: conhecimento sobre soja; desembaraço e

---

<sup>32</sup> ... no dia 27, a escolha da Rainha e Princesas da Soja do Brasil 1978 foi confirmada pelo júri, este ano formado por: Mercedes Vaz Stanislawzuk (primeira dama do município de Ponta Grossa e presidente do júri); Vera Barros Correia (esposa do Secretário de Economia da Ponta Grossa); Lucy Schnarndorf (esposa do Comandante da 5ª Brigada da Infantaria Blindada de Ponta Grossa); Diva Pinheiro Lima (esposa do Juiz de Menores, da Vara de Família e Anexos de Ponta Grossa); Engenheiro João Mario Rozas Pio (Gerente do Complexo Industrial da Sanbra em Ponta Grossa); Edna Babinski Fae (Rainha da Soja de 1976); Bruna Lombardi (atriz, modelo e escritora); Antônio Roche (Jornalista da Bloch Editores em São Paulo); Antônio José Lobo (Presidente da Paranatur); Miecislau Surek (jornalista paranaense) e Otto Zoega Neto (publicitário e diretor de Mídia do Núcleo de Propaganda em São Paulo). (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24.212, 11 jun. 1978).

<sup>33</sup> Em 1975, a atriz da Rede Tupi de televisão Márcia Maria foi a convidada especial no baile da Rainha da Soja. No ano de 1976, a atriz da Rede Globo, Sandra Bréa compôs o corpo de jurados. No ano seguinte foi a vez da também estrela global Pepita Rodrigues e de Marina Montini, artista de rádio, cinema e televisão e projetada no cenário nacional como musa do pintor Di Cavalcanti. Em 1978, a atriz Bruna Lombardi integrou a mesa julgadora. Em 1980, a atriz Baby Garroux que atuava na novela *Pé-de-Vento*, da Rede Bandeirantes, foi a convidada especial.

fluência verbal; desenvoltura, beleza e traje no desfile em passarela<sup>34</sup>. Os três primeiros critérios eram avaliados nos encontros que antecediam o baile, havendo, inclusive, uma sabatina sobre a soja. Já os demais, representavam os gestos que compunham o brilhantismo do evento, tão noticiado pela imprensa.

... numa noite de raro brilhantismo, Ponta Grossa, escolheu [...] a Rainha da Soja do Brasil de 1980. Participaram mais de 60 candidatas, representando os Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Às 21h35min, desfilaram na passarela 18 candidatas e o júri [...] escolheu como vencedora a representante do “Clube Pontagrossense”, srta. Maria Helena Bittencourt, que somou 246 pontos, ficando como 1ª Princesa a Srta. Adriane de Castro Rauli, representante do Clube da Lagoa e como 2ª Princesa, Denise Rizental Holzmann, do Jôquei “Clube Pontagrossense”, com 243 e 195 pontos, respectivamente. A escolha da Rainha da Soja do Brasil foi iniciada às 23h20min, com o desfile individual de todas as candidatas, seguindo-se a apresentação em blocos de 18 para uma nova apreciação do júri e dos presentes [...]. Pouco antes das 3 horas foram anunciadas as três classificadas: com 228 pontos, a representante de Piracicaba, Marilisa Seghese Romani, foi eleita Rainha da Soja do Brasil 1980. Como 1ª Princesa ficou Jussara Felice Posselom, de Dom Pedrito – RS e como 2ª Princesa, Josemari Sawczuk, da cidade de Cândido de Abreu – PR, somando respectivamente, 225 e 223 pontos<sup>35</sup>.

O baile da noite de 31 de maio de 1980 foi palco do último concurso da Rainha da Soja do Brasil. Das palavras escritas pelo jornalista, pode-se reconstruir o conjunto de atos e gestos que integraram a cerimônia de eleição da Rainha da Soja de 1980 e estendê-lo para os eventos antecessores. É possível depreender que, nos bailes de eleição, ocorriam gestos de encenação de atos

---

<sup>34</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24805, 24 maio 1980.

<sup>35</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24812, 1 jun. 1980.

seqüencialmente programados e repetidos, os quais instituíam formatos mais ou menos padronizados. Robert Lavenda afirma que a glamourosa noite do baile de gala, freqüentemente iniciava-se com a apresentação das candidatas, da rainha do ano anterior e dos jurados. A esta preleção, seguia-se o desfile das candidatas na passarela ornamentada no centro do salão, sob olhares atentos e curiosos do público. Nesta passarela, as jovens candidatas andavam de um lado para o outro e davam voltas, enquanto o mestre de cerimônias anunciava em bom tom seu nome, sua filiação, seus talentos e preferências<sup>36</sup>.

O aspecto seqüencial, repetitivo e padronizado caracterizou os bailes da realização dos concursos da Rainha da Soja. Deixando de lado os demais atos padronizados que antecediam a cerimônia de coroação, os bailes, compreendidos como espaço para a encenação dos últimos gestos, primavam pelo desempenho do comportamento social e pela elegância do vestuário. Estes atos expunham sua padronização e atingiam, além das candidatas, todos aqueles que participavam da cerimônia, como os pais, parentes e amigos das candidatas, autoridades políticas e econômicas e a coletividade que apreciaria, de perto, o evento de escolha e coroação da rainha.

Normalmente, os bailes iniciavam às 23 horas sob acordes musicais de variados conjuntos contratados em São Paulo. Algumas horas após o início, quando os presentes já haviam ensaiado alguns passos, anunciava-se o começo da competição.

Na fase nacional, o concurso dividia o baile em duas partes distintas, mas complementares. Primeiramente, ocorria a etapa local com a escolha da Rainha da Soja de Ponta Grossa. As candidatas desfilavam uma a uma, exibindo seus trajes de gala e recebendo as ovações das torcidas para, em seguida, receberem o anúncio da decisão dos jurados e

---

<sup>36</sup> LAVENDA, R. *'It's not a beauty pageants!': hybrid ideology in Minnesota Community Queen Pageants*. In: GOHEN, C.; WILK, R.; STOLTJE, B. *Beauty queens on the global stage: gender contest and power*. New York: Routledge, 1996. p. 31-46.

aguardarem a solenidade de coroação da candidata eleita. Na segunda fase, a jovem e recém coroada rainha desfilaria com rainhas coroadas em outras localidades, passando a concorrer ao título nacional. Uma a uma, sempre em trajes de gala, as candidatas iam e vinham na passarela representando suas comunidades e procurando chamar sobre si mesmas a atenção da comissão julgadora e a simpatia dos presentes. Este era o momento da apresentação individual, acompanhada pela descrição de suas preferências, de seus planos para o futuro e de sua filiação. Ao desfile individual, seguia-se a performance em grupo. As candidatas voltavam à passarela em pequenos grupos, realizando apresentações ensaiadas nos encontros que antecediam os bailes. Neste momento, o salão encontrava-se recoberto por serpentinas e confetes e a música era abafada pelos aplausos e gritos das torcidas. As candidatas se recolhiam para aguardar o anúncio vagaroso, repleto de expectativa, feito pelo mestre-de-cerimônias.

Sob aplausos, a candidata eleita recebia a faixa e a coroa da Rainha da Soja do ano anterior, dando início a um novo reinado repleto de compromissos sociais. Na seqüência, coroavam-se também as Primeira e Segunda Princesas, além da Rainha da Simpatia, que havia sido escolhida pelas candidatas. Rainha e princesas recebiam jóias, jogos de malas, jogos de mesa, cama e banho e um sortimento de produtos da Sanbra correspondente a um ano de consumo. Além destes prêmios, a rainha era contemplada com um carro zero quilômetro, oferecido pela Sanbra. A todas, rainha e princesas, acompanhadas por suas mães, oferecia-se uma viagem a São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília para conhecer as instalações da Sanbra e divulgar a soja e o turismo do Paraná. Nas viagens, o seqüito era recebido com pompa e participava de recepções e entrevistas com jornalistas, diretores da multinacional e autoridades militares.

Aparentemente centrado na beleza feminina, o concurso era defendido pelo seu caráter cultural. O Diretor de Relações Públicas da Sanbra reiterava o viés cultural do evento:

Paulo Schmidt [...] fez questão de frisar que o Concurso Rainha da Soja sempre foi mal interpretado, num aspecto: As entidades de classe e possíveis participantes do Concurso, sempre entenderam o Rainha da Soja como uma promoção de beleza e apresentação física das candidatas. Não se trata, absolutamente de uma iniciativa dessa envergadura, mas sim de fundo amplamente cultural, onde se vai selecionar uma representante paranaense que possa transmitir todo o potencial agrícola e industrial não só de Ponta Grossa, como do Paraná, quando for requisitada para representar a sua cidade e o seu Estado, fora daqui. Será uma jovem para representar o Estado mostrando o potencial jovem e culto do Paraná, como já fizeram as seis moças até agora eleitas em anos anteriores. Já passou o tempo em que se afirmava que o Paraná era o tempo do café, assim como também o Brasil deixou de ser conclamado, por que hoje a soja explode no desenvolvimento nacional e se afirma como economia da nossa agricultura. O Paraná hoje em dia, numa escala nacional em se comparando com o turfe é um cavalo que corre por fora e que sem dúvida vai passar para o 1º lugar na produção. No dia em que o Concurso se transformar em caráter nacional, o local ideal para festa será Ponta Grossa, seja em 77 ou 78<sup>37</sup>.

Ao contrário do que afirmava o diretor, as notas jornalísticas enfatizavam a beleza das candidatas: “O concurso Rainha da Soja do Paraná é realmente um desfile de moças bonitas e de muita elegância e simpatia”<sup>38</sup> ou:

Agora que recomeçam os preparativos para a grande festa do Concurso Rainha da Soja 1977, uma recordação do que foi a ‘parada da beleza’ do ano passado. Aqui algumas das belezas [o jornalista referia-se a fotografias de algumas candidatas do ano anterior] que deixaram o júri em situação difícil para escolher entre as mesmas. Este ano, tudo indica que mais uma vez será muito difícil<sup>39</sup>.

Torna-se evidente que a beleza das candidatas assumia uma importância decisiva para a comunidade envolvida na

<sup>37</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23935, 11 mar. 1977.

<sup>38</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23943, 20 mar. 1977.

<sup>39</sup> DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23943, 20 mar. 1977.

disputa. Característica mais visível, combinada com a desenvoltura e a boa apresentação, a beleza poderia soar como símbolo de um estilo de vida partilhado por grupos representativos das comunidades envolvidas na disputa, pois “os sinais das disposições estéticas e esquemas classificatórios revelam a origem e a trajetória de vida da pessoa e se manifestam na forma do corpo, altura, peso, postura, andar, desembaraço<sup>40</sup>. Desse modo, a beleza da candidata traduzia o estilo que as comunidades pretendiam representar. As jovens significavam o melhor de suas comunidades.

Estabelecido o cenário que emaranhava o concurso, desenhada a maneira como se construía sua representação e divididos os atos, cabe refletir sobre as possíveis abordagens e significações do objeto, estabelecendo muito mais reflexões do que conclusões sobre o tema.

### **À guisa de conclusão: ponderações teóricas**

Os estudos sobre concursos femininos requerem um olhar mais aprofundado e investigativo sobre as afirmações relativas ao caráter de obviedade e frivolidade destes eventos. Longe de serem frívolos, os conteúdos implícitos nos concursos implicam variáveis políticas, econômicas e culturais instituidoras de especificidades conjunturais nas quais se apresenta o fenômeno.

O Concurso Rainha da Soja é um fenômeno historicamente datado que só pode ser apreendido por suas especificidades e singularidades relacionadas a variáveis conjunturais nas esferas municipal e federal. De outro lado, o fenômeno apresenta semelhanças em relação a outros concursos de beleza, principalmente na regularidade de determinados atos que compõem sua forma<sup>41</sup>. Assim como tantos outros, o concurso integra um evento maior, o Encontro com a Soja; mobiliza a coletividade por meio de um propósito

---

<sup>40</sup> CASTRO, A. L. de. *Culto ao corpo e sociedade*. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003. p. 81.

<sup>41</sup> PEIRANO, M. *Rituais*. Ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

coletivo, que é vencer; escolhe jovens dos grupos sociais privilegiados que representam atos seqüenciais em busca do título.

Ao olhar o fenômeno nesta perspectiva, pode-se sugerir estudá-lo tendo como possibilidade a compreensão de seus significados. Porém, é necessário considerar que o evento pulveriza significados, pois simboliza aspectos diversos para as candidatas, para a multinacional patrocinadora e para os diversos grupos locais. Em função da amplitude investigativa, e pelo fato de este artigo ser o resultado de primeiras aproximações, expõe-se como alguns estudiosos têm tratado do tema.

Ao analisar o concurso *Miss Suécia*, Katarina Mattson e Katarina Pettersson<sup>42</sup> concluem que os concursos femininos envolvem construções de raça, identidades regionais, sexualidade e classe e podem refletir mudanças estruturais relacionadas ao padrão de consumo e aos ideais de beleza. As eleitas passam a representar beleza, saúde e juventude em corpos aparentemente heterossexuais e pertencentes a classes médias e altas. Celebradas e admiradas, tornam-se modelos para serem copiados e passam a reproduzir padrões hegemônicos de feminilidade<sup>43</sup>.

A análise de Beverly Stoeltje<sup>44</sup> prioriza a forma como

<sup>42</sup> MATTSON, K.; PETERSSON, K. *Crowning Miss Sweden – Constructions of gender, race and nation in beauty pageants*. In: 5<sup>th</sup> EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.

<sup>43</sup> Dessa maneira, haveria uma constante relação entre o corpo físico e o corpo das idéias que pode ser entendida como cultural e assim, o símbolo serve tanto para exprimir certas demandas por significados como também [...] constitui tal expressão na medida em que lhes oferece os materiais significantes com que se veiculam as significações visadas pelos interesses e reivindicações dos diversos grupos sociais. Em outras palavras, o corpo e seus aparatos complementares tornam-se espelhos para necessidades espaciais e temporalmente criadas e, reproduzem padrões vigentes. In: MICELI, S. A força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. I-LXI.

<sup>44</sup> STOLTJE, B. The Snake Charmer Queen: Ritual, Competition and Signification in America Festival. In: GOHEN, C.; WILK, R.; STOLTJE, B. *Beauty queens on the global stage: gender contest and power*. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

são reproduzidos os concursos e como se adaptam aos significados locais, tornando-se espaços para a aprovação simbólica de questões contemporâneas e para responder a conflitos originários em possíveis mudanças sociais que requerem negociações e ajustamentos entre determinados grupos. A autora adota o conceito de ritual para examinar o fenômeno do concurso de beleza. Segundo ela, a prática ritual pode demonstrar relações e papéis sociais construídos por valores e idéias, cotidianamente, invisíveis. Desse modo, reforça propósitos conservativos que podem legitimar a hegemonia das relações sociais e políticas do grupo que o instaura.

Preocupados com a replicação dos concursos de beleza, que acontecem nos mais diversos pontos do planeta, Colleen Ballerino Chen e Richard Wilk<sup>45</sup> orientam que os eventos se assemelham por possibilitarem a reafirmação de valores políticos, morais e de gênero, especialmente versões idealizadas de feminilidade. A promoção da ilusão de que existe um padrão corpóreo e comportamental feminino é um exemplo da idealização da feminilidade. Desse modo, ao promover um consenso sobre o feminino, os concursos estreitam as noções de diversidade, reduzem possibilidades de expressão individual, além de consentir que pequenos grupos se expressem pela maioria. Assim, constituem lugares em que significados culturais são produzidos, consumidos e rejeitados e podem projetar uma feminilidade idealizada.

Vários autores compartilham a concepção de que os atos encenados nos concursos de beleza feminina constroem e reafirmam identidades, precisamente identidades femininas idealizadas, as quais podem reforçar intenções conservativas e legitimar determinados aspectos culturais, como a beleza, a classe social, o consumo. Neste sentido, os concursos podem ser entendidos como espaços de produção, reprodução e assimilação de significados culturais.

A análise dos concursos de beleza demonstra processos

---

<sup>45</sup> COHEN, Colleen Ballerino; WILK, Richard; STOELTJE, Beverly (Orgs.). *Beauty Queens on the Global Stage*. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996.

de construção de identidades femininas idealizadas relacionadas aos aspectos culturais, econômicos e políticos. Desse modo, os concursos podem informar sobre modelos hegemônicos de feminilidade e beleza, evidenciando práticas limitantes e opressivas, uma vez que instituem padrões que estão enraizados nas idéias sobre diferença de gênero e de sexualidade<sup>46</sup>.

Dessa forma, os atos e os gestos que constituem o Concurso da Rainha da Soja podem ser compreendidos como um fenômeno que possibilita a análise de vetores constitutivos de identidades de gênero e padrões de feminilidade e de atos contínuos que reforçam símbolos sociais com propósitos conservativos reconhecidos pela coletividade.

Assim, este concurso pode ser lido como um espaço em que práticas culturais construíam padrões de gênero e de classe, uma vez que as jovens candidatas eram representantes de famílias conhecidas na cidade e região, delineando suas posições sociais pela enumeração e publicidade de suas atividades na esfera da comunidade, de seus projetos para o futuro, de seu capital intelectual e de suas formas de lazer<sup>47</sup>. Desse modo, características como beleza, inteligência, sociabilidade e moralidade das candidatas reforçaram símbolos de feminilidade, de coesão social e política dos grupos envolvidos na organização do concurso, instituindo um consenso a respeito destes símbolos.

Os atos e gestos encenados pelas candidatas expressavam identidades sustentadas por signos corporais, criando a ilusão de um núcleo interno e organizador de gênero. A ação do gênero requer repetição, que é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente<sup>48</sup>. O conjunto de

<sup>46</sup> STOELTJE, B. The Snake Charmer Queen: Ritual, Competition, and Signification in América Festival. In: COHEN, Colleen Ballerino; WILK, Richard; STOELTJE, Beverly (Orgs.). *Beauty Queens on the Global Stage. Gender, Contests and Power*. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

<sup>47</sup> Como está evidenciado na citação inicial do presente artigo.

<sup>48</sup> BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da

encenações praticado no Concurso Rainha da Soja poderia traduzir a representação de gênero socialmente aceita e reproduzida pelos grupos organizadores do evento. O desfile em trajes de gala, a avaliação comportamental das candidatas em jantares e almoços, o reforço da beleza e a necessidade de demonstrar inteligência significavam atos de seleção de mulheres que simbolizavam o que havia de melhor nos grupos dominantes dos campos econômicos, políticos e simbólicos das comunidades envolvidas no evento. Dessa maneira, reforçava-se um modelo de feminilidade naturalizado como padrão, consumido como consensual, tornando invisíveis outras experiências e vivências do feminino.

Considerando que o Concurso da Rainha da Soja constituía espaço para a construção e reafirmação de gênero, sobretudo de identidades femininas consideradas ideais e exemplares, de amplo reconhecimento coletivo, pode-se refletir sobre a relação da multinacional Sanbra com o evento.

Ao estabelecer-se em Ponta Grossa, uma cidade do interior do Paraná alicerçada em fortes laços de pessoalidade<sup>49</sup>, não bastava à multinacional a aceitação das autoridades locais no tocante à sua importância econômica. Assim, pondera-se que o usuário de certo espaço social tornasse parceiro de um contrato social partilhado, assimilando códigos reconhecidos pelos seus pares na proporção dos benefícios simbólicos que pretende obter. Para conviver no espaço social da cidade, a multinacional, além dos aspectos materiais, apropriou-se de comportamentos mediadores do equilíbrio social, sendo aceita e reconhecida por isso<sup>50</sup>.

---

identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 185-202.

<sup>49</sup> A geógrafa Joseli Maria Silva, amparada em pressupostos elucidados por Michel de Certeau, Pierre Mayol, Clifford Geertz e Gilberto Velho, discute a idéia de pessoalidade como elemento resultante do entrelaçamento entre as relações de caráter formal e as relações de afetividade, parentesco e respeito. Tal entrelaçamento origina certa confiança estabelecida em regras e códigos específicos relacionados à ética da convivência. In: SILVA, J. M. Cultura e Territorialidades Urbanas. Uma abordagem da pequena cidade. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, Inverno 2000. p. 9-39.

<sup>50</sup> CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano*. Morar,

Os patrocinadores e os participantes do concurso compunham grupos locais com eminentes posições de prestígio e poder, reconhecidos com base em “uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência, constituindo um modelo moral para os outros”<sup>51</sup>. Ao partilhar códigos sociais de distinção, coesão e ordenamento social, os representantes da Sanbra foram significados como participantes da configuração social daquele contexto, como pares dos grupos dominantes das esferas econômica e política da geografia desenhada pela produção da soja.

Estruturado pela aproximação das variáveis econômicas, políticas e simbólicas, o Concurso Rainha da Soja foi um evento formalizado e padronizado, com forte propósito coletivo e uma percepção de que seria diferente de outros concursos femininos. Basta rever a tentativa do diretor de Relações Públicas da Sanbra em insistir em dizer que o evento não era um concurso de beleza. Assim, o conteúdo das práticas rituais deste concurso pode ser compreendido como reprodução de um modelo de feminilidade partilhado no período histórico fundamentado nos ideais de beleza, inteligência, elegância e desenvoltura. Por sua vez, o envolvimento da multinacional no evento como um dos seus principais patrocinadores e organizadores representa a acumulação de capital simbólico pelo qual ocorreram processos de reconhecimento e as possibilidades de partilhar o espaço social da coletividade local, contribuindo para reforçar a idéia de coesão e hierarquia social.

---

cozinhar. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 46-56.

<sup>51</sup> ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 7.

## **FONTES**

### **ATAS**

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PG, Ponta Grossa. *Livro Ata das Reuniões da Diretoria 1961 a 1978*. n. 7. Parte do discurso proferido por Luiz Gonzaga Pinto em reunião datada de 1 de julho de 1968.

### **REVISTAS**

ATUALIDADES SANBRA. As opções agrícolas do Nordeste. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, n. 73, ano XV, 1982.

Ponta Grossa. A Rainha da Soja. *Manchete*. Rio de Janeiro, p. 148-151, jun. 1977.

### **JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS**

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24812, 1 jun. 1980.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24805, 24 maio 1980.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23785, 1 jan. 1975.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22207, 4 mar. 1971.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22252, 28 abr. 1971.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22260, 8 maio 1971.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23055, 30 abr. 1972.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23060, 7 maio 1972.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23579, 26 abr. 1974.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23935, 11 mar. 1977.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23935, 11 mar. 1977.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23936, 12 mar. 1977.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23943, 20 mar. 1977.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24.212, 11 jun. 1978.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24.761, 10 abr. 1980.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.24153, 31 mar. 1978

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.2593, 10 maio 1974.

### **LEIS**

PONTA GROSSA. Lei 2157, de 13 de setembro de 1969. Título II: Do Órgão Superior de Administração e Controle do PLADEI. art. 3 e 4.

PONTA GROSSA. Lei 2157, de 13 de setembro de 1969. Título III. Capítulo III. Cidade Industrial. art. 16.

### **IMPRESSOS**

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. *Aqui*, Ponta Grossa: 1970. Administração Engenheiro Cyro Martins. 1969-73. Ponta Grossa: Planeta, 1970.

PROJETO VISANDO A IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970.

## **Referências**

BRASIL. *Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979)*. Governo Ernesto Geisel. 1975-1979. Brasília: IBGE, set. 1974.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CASTRO, A. L. de. *Culto ao corpo e sociedade*. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.
- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano*. Morar, cozinhar. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- COHEN, Colleen Ballerino; WILK, Richard; STOELTJE, Beverly (Orgs.). *Beauty Queens on the Global Stage*. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- LAVENDA, R. 'It's not a beauty pageants!': hybrid ideology in Minnesota Community Queen Pageants. In: GOHEN, C.; WILK, R.; STOLTJE, B. *Beauty queens on the global stage: gender contest and power*. New York: Routledge, 1996.
- MATTSON, K.; PETERSSON, K. *Crowning miss Sweden* – Constructions of gender, race and nation in beauty pageants. In: 5<sup>th</sup> EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.
- MAZZALI, L. *O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo a organização "em rede"*. São Paulo: UNESP, 2000.
- MICELI, S. A força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PEIRANO, M. *Rituais*. Ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SILVA, J. M. Cultura e Territorialidades Urbanas. Uma abordagem da pequena cidade. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, Inverno 2000.
- STOLTJE, B. The Snake Charmer Queen: Ritual, Competition and Signification in America Festival. In: GOHEN, C.; WILK, R.; STOLTJE, B. *Beauty queens on the global stage: gender contest and power*. New York: Routledge, 1996.

### **Concurso rainha da soja: atos e gestos da beleza feminina em Ponta Grossa, Paraná (década de 1970)**

Adriana Mello Cançado

**Resumo:** No presente artigo, propõe-se a apresentação dos atos e dos gestos que instituíram o Concurso Rainha da Soja, em Ponta Grossa, Paraná, entre os anos de 1971 e 1980. Estas considerações resultam das primeiras aproximações com o tema e procuram recompor o evento na sua forma, integrado na conjuntura socioeconômica do período, tanto na alçada local, quanto na esfera dos discursos militares relativos à produção da soja. Partiu-se do princípio de que o

concurso foi um espaço de criação e reprodução de símbolos instituintes de comportamentos femininos. Complementarmente, pondera-se que os dirigentes da multinacional responsável pelo patrocínio e pela organização do concurso o tenham vivenciado como um espaço possível de reconhecimento simbólico e partilhamento da convivência social local. Dessa forma, estruturou-se este artigo em três momentos: o primeiro, alinha as especificidades contextuais de Ponta Grossa; o segundo, trata da forma assumida pelo concurso e por fim, procura entrelaçar a compreensão de seu conteúdo à releitura de seus significados.

**Palavras-chave:** concurso de beleza, economia, política, feminilidade.

**Abstract:** This article aims to present the acts and the gestures that instituted the Soybean Queen Contest in Ponta Grossa, Paraná, between 1971 and 1980. These considerations result from the first approaches to the theme accomplished and try to reconstruct the event in its form, inserted in the socio-economic context of that time, at the local level as well as at the level of the military discourses regarding the production of soybean. The starting point was the principle that the contest was a space of symbols creation and reproduction, which instituted feminine behaviors. Complementary, from another view, it is possible to assume that the multinational company which sponsored and organized the contest looked at it as a space to obtain symbolic recognition and to share the art of living with the local community. With such thoughts underlying the analysis, this article was structured in three moments: the first focuses on the contextual specificities of Ponta Grossa; the second deals with the form taken by the contest; and finally, the third is an attempt to comprehend its content by rereading its meanings.

**Key-words:** beauty contest, ritual, femininity.

Artigo recebido para publicação em 25/02/2007

Artigo aprovado para publicação em 19/04/2007